



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS
E LÍNGUAS CLÁSSICAS (LIP)

**O USO DE MARCADORES DISCURSIVOS NA FALA DE
MORADORES DA CEILÂNDIA - NÉ, AÍ, ENTÃO, ASSIM E OLHA**

ISABELA DA SILVA LIMA LEITE

Brasília
2025

O USO DE MARCADORES DISCURSIVOS NA FALA DE MORADORES DA CEILÂNDIA - NÉ, AÍ, ENTÃO, ASSIM E OLHA

ISABELA DA SILVA LIMA LEITE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP) da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Letras-Português.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Cintia Da Silva Pacheco

Brasília
2025

AGRADECIMENTO

Primeiramente, agradeço à Professora Doutora Cíntia da Silva Pacheco, cuja orientação, disponibilidade e ética foram essenciais para a construção deste trabalho. Sua dedicação e sensibilidade contribuíram profundamente para o meu percurso formativo.

Aos meus amigos e familiares, expresso minha gratidão pelo suporte gigantesco ao longo de toda esta caminhada acadêmica. Pela escuta atenta, pelo incentivo quando duvidei da minha própria capacidade, pela companhia nos momentos difíceis e pela celebração das pequenas e grandes conquistas, deixo registrado meu carinho e meu sincero reconhecimento. Sem vocês, este trajeto teria sido muito menos leve, divertido e enriquecedor.

Agradeço, ainda, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho. Cada gesto de apoio fez diferença.

Por fim, agradeço a mim mesma por não ter desistido, mesmo quando tantas áreas da minha vida pareciam dizer “não”. Persistir foi, sem dúvida, um dos maiores aprendizados desta jornada.

“Ela aprende a falar porque o falar é parte da vida.”

Rubem Alves

RESUMO

Este estudo investiga o uso dos marcadores de discurso (né, aí, então, assim e olha) na fala espontânea de moradores da Ceilândia, região administrativa mais populosa do Distrito Federal (Brasil). Fundamentada na sociolinguística variacionista (Labov, 2008) e em estudos contemporâneos sobre a linguagem falada, a pesquisa examina como esses marcadores contribuem para a construção de significado, progressão textual e dinâmica interacional na comunicação cotidiana. A diversidade linguística de Brasília, moldada por intensos fluxos migratórios e uma complexa formação histórica, fornece o pano de fundo sociocultural para a compreensão dos padrões locais da fala. Seis entrevistas do Projeto VALCO (Variação Linguística no Centro-Oeste) foram analisadas qualitativamente, considerando variáveis sociolinguísticas como idade, gênero e escolaridade. Os achados destacam os papéis funcionais dos marcadores de discurso selecionados, revelando como eles operam na gestão por turno, organização do tema, alinhamento entre falante e ouvinte e estruturação do discurso oral. Ao documentar características do discurso brasiliense, o estudo contribui para uma compreensão mais ampla da variação linguística no Brasil urbano e oferece *insights* relevantes para o ensino da língua portuguesa, particularmente no reconhecimento de marcadores de discurso como elementos legítimos da interação falada, em vez de desvios das normas prescritivas.

Palavras-chave: Marcadores; discurso; sociolinguística; Ceilândia.

ABSTRACT

This study investigates the use of the discourse markers “né”, “aí”, “então”, “assim”, and “olha” in the spontaneous speech of residents of Ceilândia, the most populous administrative region of the Federal District (Brazil). Grounded in Variationist Sociolinguistics (Labov, 2008) and contemporary studies on spoken language, the research examines how these markers contribute to meaning-making, textual progression, and interactional dynamics in everyday communication. The linguistic diversity of Brasília, shaped by intense migratory flows and a complex historical formation, provides the sociocultural backdrop for understanding local patterns of speech. Six interviews from the VALCO Project were analyzed qualitatively, considering sociolinguistic variables such as age, gender, and education. The findings highlight the functional roles of the selected discourse markers, revealing how they operate in turn management, topic organization, alignment between speaker and listener, and the structuring of oral discourse. By documenting features of brasiliense speech, the study contributes to the broader understanding of linguistic variation in urban Brazil and offers insights relevant to Portuguese language teaching, particularly in recognizing discourse markers as legitimate elements of spoken interaction rather than deviations from prescriptive norms.

Key-words: Discourse markers; discourse; sociolinguistics; Ceilândia.

SUMÁRIO

Introdução.....	1
Breve histórico da comunidade de fala.....	3
1. Fundamentação teórica.....	5
1.1 A Sociolinguística variacionista.....	5
1.2. Considerações sobre os marcadores discursivos.....	6
1.3. O que são os marcadores (né, aí, então, assim e olha) e suas características.....	8
2. Metodologia.....	12
2.1. Delineamento da Pesquisa e Fontes de Dados.....	12
3. Análise dos dados obtidos nas entrevistas.....	14
3.1. O uso dos marcadores e sua função Morfológica.....	14
3.2. Dados e resultados.....	16
3.3. Frequência Total de marcadores em função da faixa etária.....	18
3.4. Frequência total dos marcadores em função do sexo.....	19
Considerações finais.....	21
Referências Bibliográficas.....	22

Introdução

É fundamental investigar as variações linguísticas urbanas que emergem e que, frequentemente, são marginalizadas pelo *status quo* do chamado “português padrão” ou “português bem falado”. Logo, para esse estudo, foram selecionadas seis entrevistas realizadas com moradores de Ceilândia por estudantes da Universidade de Brasília (UnB), vinculados ao Projeto VALCO - Variação Linguística no Centro-Oeste, coordenado pela professora Cíntia Pacheco. A fala espontânea foi o objetivo principal da coleta e, com base nisso, as entrevistas possuem entre 40 e 50 minutos, em contexto de informalidade entre entrevistador e entrevistado. Os participantes foram distribuídos entre homens e mulheres, sendo a faixa etária, sexo e grau de escolaridade os principais critérios de seleção. A primeira categoria inclui indivíduos entre 15 e 25 anos; a segunda, acima de 30 anos; e a terceira, acima dos 50 anos de idade.

Adiante, cabe salientar que marcadores discursivos são fenômenos naturais da língua falada e um dos objetivos do presente artigo é observar como “né”, “ai”, “então”, “assim” e “olha” portam-se na fala popular urbana da Ceilândia. Sendo o objetivo geral a análise dos sentidos produzidos pelos marcadores discursivos nas entrevistas; os objetivos específicos referem-se à identificação dos usos frequentes de cada marcador, as classificações de funções discursivas encontradas e as comparações de seus papéis na progressão textual e interacional.

Como justificativa para o presente estudo, a análise dos marcadores discursivos contribui para ampliar o conhecimento sobre a variação linguística brasiliense, subestimada em comparação com outras capitais do Brasil. Portanto, ao registrar e analisar características específicas da oralidade local, esta pesquisa tende a fortalecer o campo dos estudos da fala e oferecer corpo para um futuro estabelecimento do “jeito de falar” brasiliense.

Além disso, o trabalho questiona os limites da gramática normativa, que frequentemente desconsidera marcadores discursivos pouco lexicais que podem ser fundamentais na interação oral, como *né*, *ai* e *então*, para o estabelecimento de sentido. Logo, ao abordar esses itens como recursos legítimos na prática discursiva, a pesquisa evidencia a complexidade estrutural da fala espontânea, valorizando práticas linguísticas

reais e socialmente determinadas, utilizando como base teórica Marcuschi (2019), Koch (2019), Jubran (2019), Risso (2019), Urbano (2019) e Labov (2008).

Cabe salientar que a investigação possui grande relevância para a prática docente na língua portuguesa e para os estudos do discurso, uma vez que compreender o funcionamento dos marcadores discursivos pode possibilitar práticas pedagógicas mais consistentes com a realidade linguística dos educandos, proporcionando uma maior dialogicidade à luz de Paulo Freire (1987). Portanto, para fins educacionais, cabe ao docente compreender que “Desde o seu berço a sociolinguística [...] demonstrou preocupação com o desempenho escolar de crianças provenientes de diferentes grupos étnicos ou redes sociais.” (BORTONI-Ricardo, 2020, p. 218)

A língua falada em ambientes urbanos desperta a curiosidade de linguistas e entusiastas pelo mundo, tornando-se uma das áreas mais relevantes da sociolinguística contemporânea. Logo, as características da fala de habitantes de uma cidade podem variar em diversos níveis, diante da complexidade sociocultural e histórica das cidades brasileiras, como, por exemplo, a colonização feita por países europeus em um território de extensões continentais.

Entre os principais fenômenos da linguística está o uso dos marcadores discursivos como partículas fundamentais para a compreensão e organização do discurso. Para Risso, Silva e Urbano (2019):

Trata-se de um amplo grupo de elementos de constituição bastante diversificada, envolvendo, no plano verbal, sons não lexicalizados, palavras, locuções e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem. Por seu intermédio, a instância da enunciação marca presença forte no enunciado, ao mesmo tempo que se manifestam importantes aspectos que definem sua relação com a construção textual-interativa (RISSO, SILVA e URBANO, 2019, p. 371).

Por fim, a organização do trabalho consistirá na fundamentação teórica laboviana (2008), com foco na análise social dos marcadores, como a construção de sentido, aspectos da gramática normativa diante os marcadores discursivos, a análise de entrevistas, bem como a organização dos marcadores na fala dos entrevistados e conclusões acerca do tema.

Breve histórico da comunidade de fala

Considerando a natureza multirregional do Distrito Federal (DF), marcada pelos intensos fluxos migratórios e pela formação heterogênea de suas Regiões Administrativas, torna-se relevante investigar como cada uma delas desenvolveu suas próprias especificidades linguísticas. Tal cenário é confirmado pelo estudo *Evolução dos Movimentos Migratórios para o Distrito Federal (1959–2010)*, elaborado pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN, 2012), que evidencia o caráter diversificado da composição populacional do DF ao longo de sua história. Nesse contexto, o estudo dos marcadores na fala dos moradores de Ceilândia contribui significativamente para a compreensão das dinâmicas sociolinguísticas que moldam a fala brasiliense. O Distrito Federal, com mais de trinta regiões administrativas (Governo do DF, 2025) e em contínuo crescimento, apresenta uma configuração social e cultural diversa, o que se reflete diretamente em suas práticas linguísticas.

Logo, a fala de seus moradores não se encontra dissociada desse cenário histórico e híbrido. Embora Brasília tenha recebido um fluxo migratório intenso durante sua construção, sua história antecede bastante esse período. A região, frequentemente caracterizada como um “museu a céu aberto”, conforme noticiado por G1 Distrito Federal (2018), abriga mais de 50 sítios arqueológicos e registra a forte presença de populações originárias desde muito antes do período pré-colonial. A região de Brasília foi, também, a área de passagem de rotas de comércio e exploração, alvo de propostas de interiorização, como a sugestão atribuída ao Marquês de Pombal (DINIZ; LÔBO, 2018), no século XVIII, e, posteriormente, estudada pela Missão Cruls, já no período republicano:

Quando, em Maio de 1892, o Governo mandou nos chamar, afim de nos confiar a missão de explorar o Planalto Central do Brazil e n'elle demarcar a área que, segundo o que prescreve a Constituição, deve ser reservada ao futuro Districto Federal, e ahi ser opportunamente mudada a nova Capital da União[...] (BRASIL. SENADO FEDERAL, 2017, p. 20).

Com a construção e inauguração de Brasília, seguida pela recente consolidação da identidade do povo brasiliense, constituiu-se um espaço cuja linguagem se alicerça sobre uma base histórica multifacetada. Partindo do proeminente conjunto migratório, que resulta em um dialeto ainda emergente, faz-se urgente a compreensão desse fenômeno por meio da

sociolinguística. Como afirma Bortoni-Ricardo ([s.d.]), para que a análise da língua seja de fato completa, ela deve transpassar a estrutura, considerando o conjunto de variáveis sociais, como o contexto do falante. O estudo deve, portanto, incorporar a influência de critérios sociodemográficos.

Dessa forma, por ser a região administrativa mais populosa do Distrito Federal, com mais de 300 mil habitantes (CODEPLAN, 2022), constituindo um importante ponto econômico, Ceilândia destaca-se pela expressividade cultural, marcada por forte empreendedorismo local e por expressividade artística profundamente influenciada pela presença de migrantes nordestinos. A região administrativa de Ceilândia, portanto, será o ponto de partida do presente estudo, mais especificamente, a análise de como os marcadores discursivos “né”, “aí”, “então”, “assim” e “olha” são utilizados pelos moradores.

1. Fundamentação Teórica

1.1 A Sociolinguística variacionista

O presente artigo tem como fundamentação teórica o conceito da sociolinguística variacionista, na perspectiva da língua como prática social. Portanto, pressupostos de Labov (2008), Marcuschi (2019) e Koch (2019) sobre variação e discurso serão amplamente utilizados como arcabouço teórico.

Com base na sociolinguística variacionista, torna-se mister o reconhecimento dos fatores sociais que norteiam o uso da língua, com foco na fala. Durante as entrevistas, foram utilizados critérios como gênero, idade e formação acadêmica para análise. Logo, conforme os estudos de Labov (2008), esses fatores não apenas diferenciam padrões linguísticos, mas também influenciam os processos de mudança. Em relação ao gênero, o autor indica que mulheres tendem a utilizar formas linguísticas mais prestigiadas, enquanto homens preservam formas mais vernaculares na fala monitorada:

Na fala monitorada, as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens (Labov 1966 a: 288) e são mais sensíveis do que os homens ao padrão de prestígio. Elas mostram isso numa linha inclinada acentuada da alternância estilística, sobretudo no extremo mais formal do espectro. (LABOV, 2008, p. 281)

Em continuidade, com os pressupostos de Scherre e Yacovenco (2011), o paradoxo de gênero é evidenciado. Pois, as mulheres tendem a ser mais conservadoras (aderindo à norma padrão), mas são pioneiras quando o foco é o progresso: “as mulheres se conformam mais fortemente do que os homens às normas sociolinguísticas que são explicitamente prescritas, mas se conformam menos do que os homens quando as normas não são explicitamente prescritas” (LABOV, 2001, p. 293 *apud* SCHERRE; YACOVENCO, 2011, p. 3). Com base nesta ótica, o efeito do gênero sobre o uso dos marcadores discursivos será analisado.

Quanto à idade, a terminologia “Mudança em tempo aparente” de Labov (2008) será o escopo para a análise dos marcadores mais proeminentes por cada faixa etária. Parte-se também do princípio de que o autor demonstra em seus estudos que jovens são

frequentemente responsáveis pela incorporação de variantes inovadoras, ao passo que falantes mais velhos mantêm variantes mais conservadoras.

Dessa forma, é pertinente mencionar a escolarização como um fator relacionado ao monitoramento linguístico por parte do falante. No entanto, em Aguiar (2024), Bagno ressalta que a escolaridade, por si só, não garante boas práticas de leitura e escrita, uma vez que baixos níveis de letramento podem ser observados mesmo em etapas avançadas de formação, inclusive entre futuros professores de Língua Portuguesa que também não estão isentos desse déficit.

Ao passo que negar o acesso à educação é um mecanismo de violência sistêmica, compreender essas variáveis é essencial para analisar fenômenos como os marcadores discursivos no português falado, uma vez que seu uso também é transpassado por contextos sociais.

1.2 Considerações sobre os marcadores discursivos

Embora Labov não venha abordar os marcadores discursivos como uma categoria de análise, suas obras fornecem o fundamento teórico que justifica seu estudo na fala espontânea por perceber a “língua como uma forma de comportamento social” (LABOV, 2008, p. 150). Os marcadores discursivos, embora ainda nomeados de operadores discursivos, argumentativos ou apenas conectores, são fundamentais para a orientação da interpretação para que a coerência e coesão textual estejam presentes. Portanto o uso de marcadores pode facilitar a comunicação, por seu aspecto instrucional, pavimentando o terreno da construção de sentido para que o interlocutor percorra. Segundo Mussalim, Bentes e Cortina (2009), os marcadores discursivos são chamados de marcadores conversacionais e desempenham inúmeras funções na fala, sendo uma delas a manutenção de turno de fala:

A segunda estratégia de gestão de turnos — a sustentação da fala — é, na realidade, uma tentativa empregada pelo falante para garantir a posse do turno, assinalando à sua audiência o desejo de manter-se na conduta do diálogo. Para isso, recorre aos marcadores conversacionais, aos alongamentos, às repetições e à elevação da voz (MUSSALIM *et al.*, 2009, p. 84).

Por serem predominantes na fala, o uso de marcadores discursivos são corriqueiramente invisibilizados pela gramática normativa, comumente atrelados ao termo

“vício de linguagem”. Em manuais de oratória cita-se o “né” da seguinte maneira: “Por exemplo: A sua melhor amiga sempre fala rapidamente, possui uma voz aguda, possui o seguinte vício de linguagem ‘entendeu, né?’ e uma série de características que a personificam” (FAVENI - ES, [s.d.], p. 2). Apesar de considerar o marcador discursivo como partícula de personificação da fala de um indivíduo, a apostila trata como algo a ser reparado, não condizente com uma boa oratória. Em outro manual de oratória, o “né” é atrelado a “Interrogações repetitivas - Né? Certo? Entende? Concorda?” (QUEIROZ; ARÃO, 2015, p. 27).

Lembrando que não há equívoco em querer alimentar o vocabulário pessoal. No entanto, é importante ter moderação, de modo que o novo conhecimento linguístico se manifeste como um benefício. A depender do contexto, faz-se de extrema importância dominar a norma culta para adentrar em certos espaços em que a gramática normativa é referência qualitativa, podendo atuar até como segregacionista. No entanto, a gramática tradicional não deve ser demonizada, mas sim compreendida como um mecanismo, uma ferramenta, que pode ser utilizada de diversas formas. Para além de reprimir, e sim para oportunizar que classes marginalizadas alcancem lugares em que a norma padrão de fala e escrita são cobradas com frequência.

Portanto, para Marcuschi (2010) os marcadores discursivos são detentores de significação, ainda que alguns não possuam conteúdo semântico estável, mas, apesar de invisibilizados pela norma, seu uso pode ser destinado ao estabelecimento de sentido entre locutor e interlocutor. Portanto, a fala segue sim normas, mesmo que possua truncamentos, termos reincidentes e hesitações. Por conseguinte, o autor afirma que a “supremacia cognitiva da escrita sobre a fala” é considerada ultrapassada, principalmente no que tange à retextualização:

[...] Fique claro, desde já, que o texto oral está em ordem na sua formulação e no geral não apresenta problemas para a compreensão. Sua passagem para a escrita vai receber interferências mais ou menos acentuadas a depender do que se tem em vista, mas não por ser a fala insuficientemente organizada. Portanto, a passagem da fala para a escrita não é a passagem do caos para a ordem: é a passagem de uma ordem para outra ordem (MARCUSCHI, 2010. p.47).

Adiante, cabe destacar que não foi encontrado um consenso sobre a definição do que são os marcadores discursivos e suas funções, mas estudiosos já discutem sobre esse imbróglio linguístico em suas obras há pelo menos duas décadas. No entanto, apesar da falta

de consenso, para que algumas definições sejam citadas, faz-se urgente analisar brevemente o Português falado e suas especificidades.

Para Koch (2019), o texto falado é uma unidade sociocomunicativa, que se alicerça sobre um processo interacional, por ser falado face a face, *in statu nascendi*, ou seja, pensado, e elaborado, no momento em que é falado. Portanto, o texto falado se diferencia do texto escrito, com alternância de turnos, o que indica uma possibilidade de dialogicidade, repetições, complementações de enunciados entre os envolvidos e, claro, os marcadores discursivos que podem indicar acompanhamento, confirmação, interrupções, reformulações, hesitação e envolvimento. Logo, o que poderia ser um marcador discursivo se não uma marca intrínseca da oralidade?

1.3 O que são os marcadores (né, aí, então, assim e olha) e suas características

Desta forma, os marcadores estudados neste texto podem ser denominados como elementos linguísticos sem função referencial, mas sim discursiva. Ou seja, não acumulam um novo conteúdo semântico, mas organizam o discurso na interação verbal e na cooperação na construção de sentido, teorizada por Koch (2019). Logo, são predominantes na oralidade dos entrevistados; alguns mais outros menos. Como supracitado, eles contribuem para organizar os turnos de fala; sinalizam a intenção e atitude do falante; estruturam o discurso etc.

No caso do “né”, comumente utilizado como uma interrogação confirmatória, é resultado da contração de “não é”. Tal marcador busca por alinhamento de discurso entre falantes, sinaliza pedido de confirmação implícito, cria envolvimento e aproximação, pode suavizar afirmações ou avaliações e indicar continuidade, como no exemplo: “É confiável, né?”/“Ficou bastante atenuado, né?”/“Meus pais nasceram na Ceilândia, né.” Adiante, para Marcuschi (2019), a partícula “né” pode ser um marcador discursivo acumulado, fazendo coro ao “então”, ou seja, pode aglutinar-se a outro marcador em uma oração:

Esses fenômenos são problemáticos na sua identificação, pois eles se confundem com as demais manifestações da hesitação. Trata-se de marcadores que formam conjuntos que se acumulam num certo momento e realizam-se com marcas prosódicas típicas [...] (MARCUSCHI, 2019. p.55).

Referente ao “Aí”, anexado ao grupo de advérbios, seu uso ficou parcialmente restrito à progressão textual, sendo a principal característica a organização de sequência narrativa, marca de continuidade discursiva, podendo indicar até uma casualidade ou resultado da oração que o precede. Por exemplo: “A casa foi alugada, aí a moça saiu”. Seguidamente, para Jubran (2019), o “aí” pode estar presente também na função de ruptura tópica, que ocorre quando um tema é iniciado na conversa, mas não chega a se desenvolver porque um dos interlocutores rapidamente muda o foco para outro assunto.

No segmento (3) pode ser observado o corte do tópico “Número elevado de homens candidatos em concurso de procurador [...]. L2 faz uma referência a esse número e, a partir de um gancho (e por aí a gente vê por Fora ... como a coisa está difícil), imediatamente passa a focar um novo tópico, sobre “Cotação de algumas profissões no mercado de trabalho” (JUBRAN, 2019. p. 95).

No que tange ao “Então”, é frequentemente utilizado como abertura de turno para quem o fala, organizando os tópicos e introduzindo conclusões. Este marcador é um advérbio que desempenha diversas funções discursivas, podendo iniciar fala, concluir raciocínio ou manter o turno enquanto o falante organiza suas ideias para serem expressadas (RISSO, 2019). Por exemplo: “Então... eu acho que...”/“Então foi isso que ocorreu”/“Então... me deixe explicar melhor”. Outra observação é que, para Riso (2019), o marcador discursivo “então” pode desempenhar o papel de sequenciador textual de orientação retroativa, funcionando “com ênfase maior na apresentação da informação e, portanto, no sequenciamento e na estruturação interna de segmentos tópicos” (RISSO, 2019, p. 412). Já para Jubran (2019), o mesmo marcador pode atuar como um encaminhamento ou conclusão de assunto, o que, de certa forma, se assemelha:

[...] particularmente a partir do enunciado “então ... esperamos que não:: haja maiores problemas”, ocorrem várias marcas de desaceleração do tópico, que sinalizam o seu gradativo esgotamento: [...] o uso de marcadores discursivos encaminhadores de conclusão de assunto (“então”, “enfim”) (JUBRAN, 2019. p. 94).

O penúltimo marcador citado, “Assim”, de acordo com Riso (2019), é um advérbio de modo e tem como possibilidade marcar a reformulação, introduzir exemplos ou indicar uma atenuação. Suas funções principais estão exemplificadas em: “Eu fiquei assim... sem reação”/“Foi assim... muito complicado”/“Assim... quando se estuda, melhor se escreve”.

Cabe salientar que Marcuschi (2019) indica o “Assim” na classe de marcadores discursivos acumulados em “Por exemplo: ‘ah ... ontem eu tava lá assim sabe... sei lá ... meio cansado’”. (MARCUSCHI, 2019, p. 55)

Por fim, “Olha”, um verbo no imperativo que funciona como um apelo ao interlocutor, captura a atenção do ouvinte, marca um destaque no assunto, antecedendo uma opinião; como: “Olha, eu achei incrível seu cabelo”; ou chamando atenção para algo relevante como: “Olha, estudar é importante”, é um forte marcador de apelação emotiva. Para Risso (2019), o “olha” enquadra-se no bloco de marcadores discursivos basicamente sequenciadores e marcadores prefaciadores textual-interativos:

O acompanhamento do fluxo discursivo em textos de língua falada revela a presença de um conjunto de palavras ou locuções envolvidas no amarramento textual das porções de informação progressivamente liberadas ao longo do evento comunicativo e, simultaneamente, no encaminhamento de perspectivas assumidas em relação ao assunto, no ato interacional. [...] Outras vezes, aparecem acumulando-se com marcadores lexicais que explicitam mais claramente os movimentos de encaminhamento, fecho e retomada de tópicos discursivos [...] (RISSO, 2019. p. 391).

No que tange à variação no uso, baseados nos estudos de Risso (2019), Silva (2019) e Urbano (2019), os marcadores tendem a ter uma variação limitada e geralmente fonológicas (não é? / Num é? / né?), sendo a variação morfossintática é mínima (Entende?/Entendeu?).

Destarte, com base no quadro 1, presente no tópico de metodologia, a análise dos marcadores discursivos expressos pelos entrevistados será feita, separando-os por função e características, além de uma visão geral dos dados e análises.

2. METODOLOGIA

2.1 *Delineamento da Pesquisa e Fontes de Dados*

A presente pesquisa faz-se no campo da sociolinguística variacionista e dos estudos da fala, adotando uma abordagem qualitativa e descritiva, buscando compreender como um fenômeno linguístico surge ou é utilizado pelo falante. O material analisado é composto por entrevistas realizadas por alunos da Universidade de Brasília (UnB) com moradores de Ceilândia. Tais entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas respeitando os critérios sugeridos por Marcuschi (2010). A análise concentra-se nos marcadores “né”, “aí”, “então”, “assim” e “olha”.

O procedimento metodológico envolveu as etapas de seleção e organização dos dados, por meio da revisão das gravações; a análise das transcrições feitas pelos alunos, com foco nos marcadores discursivos; e, por fim, análise funcional, orientada pelos pressupostos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008) e dos estudos da linguagem em uso, considerando o papel dos marcadores na construção de sentido, na progressão tópica, na gestão de turnos e na sinalização de alinhamento entre interlocutores.

A pesquisa fundamenta-se em dados empíricos da fala dos entrevistados, o que permite observar o funcionamento dos marcadores discursivos em práticas comunicativas do dia a dia. A análise busca descrever não apenas a frequência de ocorrência dos marcadores, mas principalmente suas funções discursivas e interacionais no contexto específico de fala. Os participantes incluem três homens e três mulheres, com perfis sociolinguísticos variados. Foram registrados dados básicos como idade, gênero, ocupação e nível de escolaridade. Por fim, cabe salientar que as entrevistas tiveram duração média de 45 minutos e foram gravadas em áudio por meio de dispositivos eletrônicos, com autorização prévia dos participantes.

No que tange à análise de dados, os marcadores serão divididos por função e postulações teóricas presentes no livro "A Construção do Texto Falado: Gramática do Português Culto Falado no Brasil", organizado por Clélia Spinardi Jubran, cuja obra é um marco para o estudo do Português falado no Brasil.

Por fim, para descrever o contexto do uso dos marcadores, a análise inicial irá considerar o contexto sociolinguístico, a partir das variáveis como idade, nível de escolaridade e sexo dos participantes. Após coleta dos dados, os resultados das análises quantitativa e qualitativa serão cruzados para elaboração de um possível perfil de uso para cada grupo entrevistado. A finalidade é perceber como e se os fatores sociolinguísticos influenciam a escolha e a frequência dos marcadores discursivos.

3. ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS NAS ENTREVISTAS

As duplas são compostas por um homem e uma mulher, cada. A primeira dupla é composta por VASM, mulher, 52 anos, possui ensino superior e é servidora pública. Seguidamente, o homem é Lelis, 52 anos, possui Ensino Médio completo e é Garçon. A segunda Dupla é formada por PAU, mulher, 31 anos, ensino superior completo e é estagiária de contabilidade e confeitaria. Adiante, Silvio Rangel, homem, 47 anos, ensino técnico completo, ensino superior completo e é produtor cultural e cenotécnico. Por fim, a terceira dupla, e a mais jovem, composta por YAS, mulher, 24 anos, ensino superior completo e é representante processual. Posteriormente, GU, homem, 21 anos, ensino médio completo e é coordenador empresarial.

Para fins informacionais, os integrantes das duplas são todos residentes da Ceilândia, foram separados por faixa etária e, quanto ao sexo, foram separados entre feminino ou masculino. Partindo dos pressupostos de Scherre e Yancovenco (2011), em que sexo é uma abordagem excessivamente biológica e, à luz da sociolinguística, será trabalhado o “gênero” como performance de cada participante, em uma abordagem mais social conferindo um caráter mais fidedigno na análise dos dados.

3.1 *O uso dos marcadores e sua função Morfológica*

No que tange à análise morfológica e o uso dos marcadores, o uso feito por pelo menos 5 dos 6 entrevistados será analisado. Referente à VASM (52 anos, Mulher, ensino superior e servidora pública), nota-se que a participante utilizou o marcador discursivo “né” um total de 83 vezes, sendo o primeiro: “Pesquisadora: Vou fazer a primeira pergunta para a senhora, que é como é a sua rotina diária? VASM: Bem, minha rotina diária é o seguinte. Eu acordo por volta de 7 horas da manhã, faço café para a família, né? E umas 8 horas eu vou trabalhar, pego o metrô. Às vezes eu vou de metrô, às vezes eu vou de carro[...].” (FIGUEIREDO, 2025, p. 01)

Por ser uma contração do advérbio (não) + o verbo (é), podemos classificá-lo como uma dessas classes morfológicas? Não. “Não é” decai sua função morfológica, tomado por uma avalanche da função discursiva quando juntos no texto falado. Nota-se que, de acordo

com a tabela 1 do tópico 2.2, acerca dos critérios de análise dos marcadores discursivos e de seu uso pelos entrevistados, VASM mantém a característica de uma *interrogação confirmatória*, em que pode pressupor uma concordância do interlocutor, buscando alinhamento. No caso seguinte, para além do uso anterior, nota-se que a entrevistada utiliza o “né” como uma partícula de suavização, já que apresenta uma leve discordância, respondendo algo diferente do que fora questionado: “Pesquisadora: E tem alguma receita especial de família que a senhora poderia contar pra gente? / VASM: De família não tem não, mas é de amigos, né?” (FIGUEIREDO, 2025, p. 07). Adiante, nenhum uso diferente fora empregado.

No que concerne ao uso do “aí”, apesar de descrito como advérbio pala gramática padrão, Lelis (homem, 52 anos, ensino médio completo e é garçom) utilizou cerca de 38 vezes e manteve apenas na sua função de progressão textual, como, por exemplo, na parte: “[Lelis] bem assim que nós compramos o lote lá no Sol Nascente, estávamos construindo né, [...]” (LOPES, 2025, p. 2). Ou seja, o “aí” está se referindo à mudança da fala em contextos diversos e não indicando um lugar, modo ou tempo. Logo, pode-se considerar que decai seu sentido adverbial e torna-se pragmaticamente o marcador discursivo.

Referente ao “então”, YAS (mulher, 24 anos, ensino superior completo, representante processual) usou 36 vezes também como recurso discursivo, decaindo seu sentido de advérbio, por exemplo: “Então, eu tô fazendo pós-graduação em Direito Público Constitucional e também faço graduação em Direito, né,[...]” (CARVALHO, 2025, p. 1). Ou seja, neste ponto ele conecta uma consequência e não um lugar, tempo ou modo.

Sobre o uso do marcador “assim”, GU (homem, 21 anos, ensino médio completo e coordenador empresarial) utiliza-o 147 vezes como um recurso para exemplificação, ou no caso uma citação de discurso direto, por exemplo: “[...]Só que a gente falou assim, cara, a gente tem que voltar com essa tradição. A avó ia ficar muito feliz.” (FERREIRA, 2025, p. 3). Para além de ser um advérbio, neste contexto o marcador assume a roupagem pragmática de marcador discursivo e tende a ser utilizado como artifício de reformulação discursiva também.

Quando utilizado 9 vezes por Silvio, o marcador “olha” morfologicamente se porta como o verbo “olhar” no imperativo afirmativo, segunda pessoa do singular. No entanto, como marcador discursivo, o verbo assume o sentido de recurso de chamamento de atenção

do interlocutor, algo semelhante ao “mira” em espanhol. Por exemplo: “[...]E aí, eu falei, olha, não vou pro social porque mamãe trabalha na área da saúde, então é todo um rolê[...]” (NETO, 2025, p. 3).

3.2 Dados e resultados

Tabela 1: Demonstrativo dos resultados obtidos pelo uso dos marcadores discursivos “né”, “aí”, “então”, “assim” e “olha” por cada entrevistado.

Duplas	Escolaridade /cargo	Pessoas	Né	Aí	Então	Assim	Olha
1 (50+)	ensino superior completo e funcionária pública	VASM (Mulher)	83/214 = 38,7%	37/214 = 17,7%	60/214 = 28,3%	34/214= 15,9	0/214 = 0%
	ensino médio completo e garçom	Lelis (Homem)	112/181 = 61,9	38/181 = 21%	13/181 = 7,2	13/181= 7,2	5/181 = 2,7%

2 (30+)	ensino superior incompleto e produtor cultural e cenotécnico	Silvio (Homem)	434/728 = 59,6%	112/728 = 15,4%	56/728 = 7,7%	117/728 = 16,1%	9/728 = 1,2%
	ensino superior completo e estagiária	PAU (Mulher)	34/286 = 11,8%	140/286 = 49%	5/286 = 1,7%	104/286 = 36,3%	3/286 = 1%
3 (20+)	ensino superior completo e representante comercial	YAS (Mulher)	64/221 = 29%	50/221 = 22,6%	36/221 = 16,2%	71/221= 32,1%	0/221 = 0%
	ensino médio completo e coordenador empresarial	GU (Homem)	40/269 = 14,9%	34/269 = 12,6%	47/269 = 17,5%	143/269 = 53,1%	5/269 = 1,8%

Média Total	767/ 1.899	411/ 1.899	217/ 1.899	482/ 1.899	22/ 1.899
	=	=	=	=	=
	40,4%	21,6%	11,4%	25,4%	1,1%

Elaboração própria (2025)

Nota-se que cada dupla apresenta padrões diferentes no uso dos marcadores discursivos, sugerindo que idade, escolaridade e contexto profissional são fatores que influenciam diretamente a frequência de uso. Já os marcadores mais recorrentes são “né”, “assim” e “aí”, sendo o “olha” pouco utilizado e o “então” possuindo uma grande variação quantitativa entre os participantes.

Referente à primeira dupla, VASM (52 anos, mulher, ensino superior completo e servidora pública) performa o uso dos marcadores de forma relativamente equilibrada, com destaque para o “né” (83 vezes) e “então” (60 vezes), mostrando um estilo de fala mais monitorado e explicativo. Já Lelis utiliza bastante o “né” (112 vezes), uma frequência alta, quando em comparação ao “então” (13 vezes) e o “olha” (5 vezes). Por fim, em uma interpretação da sociolinguística variacionista, os dois utilizam bastante o “né” que pode ser lido como um marcador característico da faixa etária e VASM tende a utilizar o “então” mais que Lelis, o que reflete um uso mais formal, em contexto profissional; e Lelis utiliza “assim” de forma um pouco mais moderado, indicando uma fala mais direta.

Sobre a dupla dois, Silvio (47 anos, homem, ensino superior incompleto e produtor cultural) utiliza exacerbadamente o marcador “né” (434 vezes), em um enorme contraste com PAU, que utilizou 34 vezes. Logo, de acordo com a intensidade, Silvio tende a ter um estilo mais espontâneo, intenso e expressivo, caracterizando um idioleto que “[...]designa o modo de falar característico de um indivíduo, suas preferências vocabulares, seu modo próprio de pronunciar as palavras, de construir as sentenças etc.” (BAGNO, 2007, p. 48). Em contrapartida, PAU (31 anos, mulher, ensino superior completo e estagiária) utiliza o “aí” como marcador sequenciador e “assim” como reformulador. Logo, a entrevistada demonstra um monitoramento e organização narrativa maior, estruturando melhor o discurso, apesar da também espontaneidade.

Na dupla três, YAS (24 anos, mulher, ensino superior completo e representante processual) tem um uso equilibrado e moderado dos marcadores, destacando-se “Assim” (71 vezes) e “né” (64 vezes). Já GU representa pouco mais que o dobro no uso do “Assim” (143 vezes) e um uso acentuado de “então” (47 vezes). Nota-se que a faixa etária 20+ utiliza “assim” com mais frequência que os outros e com o objetivo central de organizar a fala, atenuar, aproximar, reformular ou exemplificar.

3.3 Frequência Total de Marcadores por Dupla (faixa etária)

Tabela 2: A quantidade de marcadores utilizados por dupla, divididas por faixa etária

Dupla	Frequência Total (Participante A + Participante B) = Total de cada variante / Total de todas as variantes = Média total de uso
Dupla 1	$(83+37+60+34+0) + (112+38+13+13+5) = 214 + 181 = 395/1899 = 20,8\%$
Dupla 2	$(434+112+56+117+9) + (34+140+5+104+3)=728 + 286=1014/1899=53,4\%$
Dupla 3	$(64+50+36+71+0) + (40+34+47+143+5) = 221 + 269 = 490/1899 = 25,80\%$

Elaboração própria (2025)

Observa-se que a dupla 1 possui como marcador predominante o “né”. Já a dupla 2 destaca-se por ser a maior utilizadora de marcadores discursivos (também por conta de Silvio), mas PAU contribui bastante com “aí” e “assim”. Por fim, “assim” é amplamente utilizado pela terceira e mais jovem dupla, em uma fala mais dinâmica; e o “olha” é pouquíssimo utilizado. Por fim, nota-se que a dupla 2, composta por Silvio e PAU (30+), se destaca por utilizar 53,4% de 1899 (100%) dos marcadores pontuados em todas as entrevistas.

3.4 Frequência total dos marcadores por sexo

Tabela 3: O uso de marcadores discursivos por gênero sob a lógica da soma total de cada marcador e porcentagem.

Marcador	Mulheres	Homens
Né	181/1.899 = 9,5%	586/1.899 = 30,9%
Aí	227/1.899 = 12%	184/1.899 = 9,68%
Então	101/1.899 = 5,3%	116/1.899 = 6,1%
Assim	209/1.899 = 11%	273/1.899 = 14,3%
Olha	3/1.899 = 0,1%	19/1.899 = 1%
Média total	721/1.899 = 38%	1.178/1.899 = 62%

Elaboração própria (2025)

Diante os dados, observa-se que mulheres tendem a preferir o uso de “aí” e, em partes, “Assim”, só PAU (31 anos, mulher, ensino superior completo, estagiária) usa 140 vezes. Adiante, os homens claramente utilizam o “né” como recurso discursivo, só Silvio (47 anos, homem, superior incompleto e produtor cultural) utiliza o “né” 434 vezes. Portanto, cabe ressaltar que mulheres fazem uso de 38% dos marcadores discursivos totais (1.899 = 100%), enquanto os homens utilizam 62%.

Considerações finais

Após analisar os resultados, o estudo revelou que as tendências sociolinguísticas já consagradas predominam na fala dos moradores da Ceilândia. Ainda que todos utilizem marcadores discursivos diversos, a frequência e utilização são moldadas por contextos sociodemográficos. Observou-se assim que marcadores como “né” e “assim” são mais utilizados pelos entrevistados jovens e o “aí” e “então” têm seu uso equilibrado entre as faixas etárias. No entanto, a dupla Silvio e PAU (30+) utilizam cerca de 53,4% de todos os 1899 marcadores discursivos pontuados. O que indica um maior uso dos marcadores e suas funções na fala, tendo em vista que nesta faixa etária é atribuído o auge profissional de um indivíduo.

Segundo a Tabela A.50 da PDAD (2021), a população economicamente ativa (PEA) de Ceilândia abrange todos os residentes com 14 anos ou mais que estão inseridos no mercado de trabalho. Logo, a faixa etária de 30 a 50 anos está incluída neste grupo por estar em plena atividade, fazendo parte dos 87,2% de pessoas em situação de ocupação registradas na região, o que pode explicar um uso frequente da comunicação verbal e suas peculiaridades.

No quesito sexo ocorre a confirmação de que as mulheres usam os marcadores de forma mais moderada, utilizando apenas 38% das variantes identificadas. Em contrapartida, os homens fazem uso quantitativo mais elevado, cerca de 62% do total de variantes identificadas, em uma possível busca constante de alinhamento de discurso. Tais dados reforçam a teoria de Marcuschi (2001) sobre a fala ter sim regras, ordenações e estrutura que permeiam a realidade dos falantes, pois a língua é viva e se adapta à necessidade de quem a utiliza.

Quanto ao uso isolado de cada marcador, o “né” foi o marcador discursivo mais utilizado, 767 vezes correspondendo a 40,4% da porcentagem total (1899 vezes), em segundo lugar o “assim” fora utilizado 482 vezes (25,4%), adiante “aí” 411 vezes (21,6%), “então” 217 vezes (11,4%) e, por fim, “olha” 22 vezes (1,1%).

Destarte, este estudo busca contribuir para ampliar o entendimento sobre a fala brasiliense, com foco nos marcadores discursivos e sua capacidade de construir sentidos durante a interação verbal.

Referências Bibliográficas

AGUIAR, Maycon Silva. “Para que a educação linguística seja mais realista, descarte regras obsoletas que não fazem mais parte da intuição linguística dos falantes”: entrevista com Marcos Bagno. **Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som**, v. 9, n. 2, 27 ago. 2024.

ALVES, Rubem. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. 7. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Contribuições da Sociolinguística Educacional para o processo ensino e aprendizagem da linguagem**. Site Pessoal de Stella Maris Bortoni-Ricardo, Brasília, [s.d.]. Disponível em: <https://www.stellabortoni.com.br/index.php/artigos/707-iootaibuicois-ia-soiolioguistiia-iiuiaiiioal-paaa-o-paoiisso-iosioo-i-apaioizagim-ia-lioguagim>. Acesso em: 6 dez. 2025.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; FREITAS, Vera Aparecida de Lucas. Sociolinguística Educacional. In: **Livro Comemorativo ABRALIN 40 Anos**. [S.l.]: ABRALIN, 2020. Disponível em: <https://abralin.org/wp-content/uploads/2020/09/abralin40.pdf>. Acesso em: 6 dez. 2025.

BRASIL. Senado Federal. **Relatório da Missão Cruls (Nova Capital da União)**. Brasília: Senado Federal, 2017.

CODEPLAN. **Demografia em foco 7: evolução dos movimentos migratórios para o Distrito Federal 1959–2010**. Brasília: CODEPLAN, 2012.

DINIZ, José R. R. de L. S.; LÔBO, Cristina Maria S. **Brasília: uma cidade centenária**. Texto para Discussão n. 13. Brasília: CODEPLAN, fev. 2018. 35 p. Disponível em: https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/TD_13_Bras%C3%ADlia_uma_cidade_centen%C3%A1ria.pdf. Acesso em: 6 dez. 2025.

DISTRITO FEDERAL (Brasil). Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan). **PDAD 2021: Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios: Ceilândia**. Brasília, DF: Codeplan, 2022. Disponível em: <https://www.ipe.df.gov.br/documents/9915964/10216206/Ceilandia-2021.pdf>. Acesso em: 6 dez. 2025.

DISTRITO FEDERAL. Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN). **Perfil das Regiões Administrativas: Ceilândia (RA IX)**. Brasília, 2022. 35 p. Elaborado por: Marcos Cintra; Monalisa C. N. de A. da Silva. Disponível em:

<https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2022/05/Ceilandia.pdf>. Acesso em: 6 dez. 2025.

FAVENI. Faculdade Venda Nova do Imigrante. **Apostila: Técnicas de Oratória**. Espírito Santo: Núcleo de Pós-Graduação e Extensão, [202-?]. 43 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

G1 DISTRITO FEDERAL. **DF abriga 51 sítios arqueológicos com mais de 11 mil anos; veja detalhes**. G1, Brasília, 16 set. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2018/09/16/df-abriga-51-sitios-arqueologicos-com-mais-de-11-mil-anos-veja-detalhes.ghtml>. Acesso em: 6 dez. 2025.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. **Geografia do Distrito Federal**. Disponível em: <https://www.df.gov.br/geography/>. Acesso em: 09 dez. 2025.

JUBRAN, Clélia Spinardi (Org.). **A construção do texto falado: gramática do português culto falado no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2019. 512 p.

JUBRAN, Clélia Spinardi. Tópico discursivo. In: JUBRAN, Clélia Spinardi (org.). **A construção do texto falado: gramática do português culto falado no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2019. v. 1. 512p.

KOCH, Ingedore Villaça. Especificidade do texto falado. In: JUBRAN, Clélia Spinardi (org.). **A construção do texto falado: gramática do português culto falado no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015. v. 1. 512 p.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues de Oliveira. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Hesitação. In: JUBRAN, Clélia Spinardi (org.). **A construção do texto falado: gramática do português culto falado no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2019. v. 1. 512 p.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina; CORTINA, Arnaldo. **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

QUEIROZ, Diná Sônia de; ARÃO, Fábila de Assis. **A Arte de Falar em Público**. Cuiabá: Rede e-Tec Brasil/UFMT, 2015. 64 p.

RISSO, Mercedes Sanfelice. Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. In: JUBRAN, Clélia Spinardi (org.). **A construção do texto falado: gramática do português culto falado no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2019. v. 1. 512p.

RISSO, Mercedes Sanfelice; SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; URBANO, Hudinilson. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, Clélia Spinardi (org.). **A construção do texto falado**: gramática do português culto falado no Brasil. São Paulo: Contexto, 2015. v. 1. 512 p.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; YACOVENCO, Lilian Coutinho. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. **Revista da ABRALIN**, [s.l.], v. Eletrônico, n. Especial, p. 121-146, 1ª parte 2011. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1088/1011>. Acesso em: 06 Dez. 2025.

URBANO, Hudinilson. Marcadores discursivos basicamente interacionais. In: JUBRAN, Clélia Spinardi (org.). **A construção do texto falado**: gramática do português culto falado no Brasil. São Paulo: Contexto, 2019. v. 1. 512 p.